



FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO MIGRANTE BRASILEIRO NA COLÔNIA NOVA ESPERANZA EM YBY YAÚ NO PARAGUAI E SEUS DESDOBRAMENTOS SOBRE O BRASIL

Karoline Batista Gonçalves ¹

As primeiras trajetórias migratórias de brasileiros para o Paraguai iniciaram-se por volta de 1954, onde um novo governo assumia o poder no Paraguai o general Alfredo Stroessner², que teve como prioridade conseguir o apoio do Partido Colorado e das Forças Armadas visando sua sustentação política. Após ajeitar a casa o general Stroessner começou a colocar em prática um plano de modernização econômico denominado "Plano de Crescimento para Fora", que visava aumentar a presença paraguaia no mercado externo, exportando o que até ali o Paraguai produzia como a pecuária, a erva-mate, algodão e a madeira.

Para colocar em prática seus planos destinados a economia o governo Stroessner escolheu o Alto do Paraná ³ para receber os primeiros investimentos a fim de desenvolver a agricultura, isso pelo fato da região ser próxima ao porto marítimo do Paraná, e também por que a madeira extraída ali poderia ser comercializada nos estados brasileiros do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Assim a colonização do Alto do Paraná foi planejada em etapas sendo que a primeira delas foi a distribuição de terras.

A partir de 1960 o governo Stroessner confiou às colonizadoras brasileiras, norteamericanas e japonesas a tarefa de organizar o processo de colonização, dando origem a Marcha para o Leste cujo objetivo consistia em fazer um reordenamento territorial que materializasse os ideais de progresso e modernização capitalista de ambos os agentes. Tal empreendimento ocorreu à custa da desarticulação da territorialização preexistente nesses espaços, não necessariamente vazios. Nos dois lados da fronteira, um grande contingente de brasileiros e paraguaios foi desmobilizado e outro utilizado como mão-de-obra nesse projeto de ocupação.⁴

Os colonizadores distribuíram as terras em sua maioria entre os militares e os líderes do Partido Colorado, que por sua vez expulsaram os camponeses paraguaios que eram “indolentes

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD. Participante do Grupo de Discussões *Outros nós*. E-mail estiloartesc@hotmail.com.

² Nascido em Encarnación, Paraguai no ano de 1912, Stroessner foi um grande militar e político paraguaio. Filho de um imigrante alemão estudou em um Colégio Militar em Assunción, e aos vinte anos se alistou ao exército paraguaio, onde realizou uma carreira brilhante que permitiu sua ascensão rapidamente até chegar a ocupar o cargo de Comandante Chefe Militar em 1951. Três anos depois em uma ação militar que depôs o presidente Chávez ele assumiu a presidência. (Bibliografias e vidas).

³ O Alto do Paraná é um Departamento do Paraguai cuja capital é Cidade do Leste.

⁴ BÁRBARA, Marcelo Santa. Brasiguaios: territórios e jogos de identidade. IN: PÓVOA NETO, Helion & FERREIRA, Ademir Pacelli (Org.). *Cruzando fronteiras disciplinares*. 1 Ed. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 335.



para o pesado serviço de derrubar mato⁵“, ou seja, os mesmos não possuíam o mesmo sentimento em relação à terra que o colono brasileiro devido a sua cultura, eles apenas chegavam e ocupavam a terra sem se preocupar com registros e escrituras, fato que contribuiu para expulsão desses camponeses.

Com a retirada dos camponeses paraguaios e pela proximidade geográfica e vínculos econômicos existente entre Paraguai e o Brasil, foi deste que saiu a maior parte dos colonos para habitar e desenvolver a agricultura paraguaia. Os primeiros brasileiros a chegarem ao Paraguai foram os moradores das regiões Norte e Nordeste do Brasil, devido fato de ser desprovidos de posse, e naquele momento os paraguaios necessitavam de mão-de-obra que se submetesse a seguir as ordens dos colonizadores. Dessa maneira, esses migrantes denominados negros, mulatos e cafuzos (mestiços de índio com negro) foram às centenas para o Paraguai, com a esperança de ganhar dinheiro suficiente para comprarem terras e crescer financeiramente.

Entretanto, no final da década de 60 o governo Stroessner alterou sua política para o Alto do Paraná, pois naquela época as maiores partes das terras já estavam desmatadas e prontas para a implantação do cultivo mecanizado, que era um dos principais objetivos do governo Stroessner, pois a mecanização garantiria grande valor as terras. Assim, o esquema publicitário montado para atrair os agricultores do Norte e Nordeste foi desativado, e o principal objetivo passou a ser atrair para o Paraguai os camponeses sulistas, ou seja, pessoas dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, utilizando o seguinte *slogan* “com a venda de um hectare no Brasil é possível comprar mais de cinco lá no Paraguai”.

Que venham os sulistas!

Atraídos pelo baixo valor das terras e pela ajuda financeira que o governo paraguaio proporcionava para preparar a terra muitos agricultores sulistas optaram por tentar uma nova vida no país vizinho. Cruzaram a fronteira Brasil-Paraguai como desdobramento dos processos de mecanização agrícola e os projetos de infra-estrutura no Brasil (como a construção da Hidroelétrica Itaipu), muitos desses agricultores por não conseguirem produzir como era esperado e sem a perspectiva de conseguir acumular terra para se expandir e deixar aos seus filhos migraram ao país vizinho.

Os migrantes brasileiros sulistas em sua maioria eram descendentes de alemães, italianos e eslavos, e partiram de regiões como Noroeste do Rio Grande do Sul, Oeste de Santa Catarina e

⁵ WAGNER, Carlos. *Brasiguaios: homens sem pátria*. 1º Ed. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 14.



Oeste do Paraná. Ao chegarem a terras paraguaias os mesmos tinham características culturais e sócio-econômica muito diferente dos migrantes nordestinos e dos próprios paraguaios, e pela grande quantidade de migrantes que diariamente cruzavam a aduana paraguaia levando consigo máquinas, animais e outros objetos a grande parte desses migrantes conseguiram adaptar-se com grande facilidade no país vizinho.

Os sulistas se destacaram frente aos migrantes brasileiros nordestinos por sua superioridade numérica e pela imposição de um modelo cultural sulista que se estende desde a maneira de produzir até a forma de comercializar. É importante destacar que mesmo em outro país esses migrantes continuaram utilizando suas técnicas agrícolas demonstrando uma forte capacidade de adaptação e inovação:

Los *Sulistas* diferente de los *Nordestinos*, atravesaron la frontera con un capital, a veces pequeño, pero suficiente para la adquisición de tierra en Paraguay, entonces aproximadamente diez veces más barata. Las magras economías provenientes de un paciente ahorro, fruto de la venta de una parcela o de algunos bienes mobiliarios, no habrían bastado para acceder a la propiedad inmobiliaria en el Brasil meridional, mientras Paraguay les ofrecía amplias perspectivas⁶.

Assim percebe-se que os migrantes sulistas ao contrário dos migrantes nordestinos não migraram totalmente desprovidos de renda, mas muitos levaram consigo uma renda que proporcionasse pelo menos conseguir um pedaço de terra além de levarem também um novo tipo de cultura e de cultivo moderno que se diferenciava dos paraguaios, fato que contribuiu para que esses migrantes fossem aceitos para trabalharem nas fazendas dos produtores paraguaios.

Como resultado dessa trajetória pode-se identificar a formação da Colônia Nova Esperanza localizada em Yby Yaú, no Departamento de Concepción, formada em sua maioria por migrantes sulistas que muito novos acompanharam seus pais na busca por terras e ascensão financeira. Os depoimentos abaixo⁷ são de brasileiros que muito novos migraram para o Paraguai e a partir de então participaram da formação da colônia:

Eu vim para o Paraguai com uma tropa de gente de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nós viemos para cá por causa de um padre europeu chamado Vendelino Glauber (falecido) que veio da Alemanha e morava no Paraguai, e esse padre ia lá no Sul nos visitar e aí ele informava aos brasileiros sobre o Paraguai. Até que um dia o padre organizou um ônibus que ia sair de Santa Catarina para a gente visitar o Paraguai, porque ele disse que lá tinha muito fazendeiro que gostava dos peões brasileiros. Então o padre nos levou e nos apresentou a um fazendeiro que tinha 100 hectares, e então nós começamos a trabalhar para ele, abrindo o mato e logo depois começamos a plantar café. Três anos depois de trabalhar nós ajeitamos a terra e começamos a plantar para sobrevivência nossa, fizemos uma roça com arroz, mandioca e feijão. Depois dessa experiência cada um dos

⁶ SOUCHAUD, Sylvain. *Geografía de la migración brasileña en Paraguay*. 1 Ed. Asunción: UNFPA-ADEPO, 2007, p.122.

⁷ Depoimentos adquiridos durante um trabalho de campo do Programa de Pós-Graduação em Geografia-Mestrado da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD sob orientação do Prof. Dr. Jones Dari Goettter no período de 26 a 28 de junho de 2009.



brasileiros que tinha terra no Brasil vendeu e compraram outras aqui no Paraguai. (Sr. Afonso, 51 anos, morador da Colônia Nova Esperanza há 28 anos).

Quando nós chegamos aqui no Paraguai não tinha problema com documentação, só os adultos precisavam de documentos. Quando os brasileiros chegaram aqui não sabiam falar nem o castelhano nem o guarani e comprar na cidade era difícil. Aí nós chegamos à conclusão de que se já estamos aqui, vamos ter que aprender a viver com os paraguaios. Quando nós chegamos aqui à maioria se juntou, e um alemão vendeu muitos pedaços de terras parcelado, o que ajudou a adquirir as propriedades, muitos vieram só para adquirir terras e deixavam empregados para cuidar. No começo foi tudo muito difícil, tivemos que viver embaixo de lona e nossa mercadoria tinha que durar o ano inteiro. (Sr. José dos Santos – 45 anos agricultor e morador da Colônia).

A vida na colônia sempre foi enfrentada com grandes dificuldades, pois esses migrantes, ao se instalarem no país vizinho, tiveram que aprender a conviver com língua, cultura e pessoas diferentes, ou seja, os mesmos adaptaram-se com um novo lugar, conciliando o sentimento nacionalista⁸, ou seja, o sentimento de pertencer a algum lugar com os desafios de uma cultura estrangeira. Desse modo, a formação da Colônia Nova Esperanza contribui para se redesenhar uma nova geografia brasileira em terras paraguaias.

Nessa perspectiva, depreende-se que os migrantes brasileiros ao chegarem ao Paraguai depararam-se com outra realidade, ou seja, desejaram construir uma “nova” identidade como fruto da dinâmica da migração brasileira para o Paraguai. A migração brasileira diferencia-se dos demais grupos migratórios no Paraguai, devido ao seu volume e às diversas identidades ativadas pelos migrantes. Se analisarmos a migração brasileira para o Paraguai através de uma perspectiva identitária contrativa, não podemos afirmar que exista objetivamente uma identidade brasileira ou paraguaia válida para todos os contextos, mas que esses traços identitários são reconstruídos no Paraguai, quando os sujeitos mobilizam os recursos simbólicos, que estão ao seu alcance e de acordo com contextos políticos e estratégias específicas.

Todavia, nossa preocupação fundamental será compreender como ocorreu a formação da Colônia Nova Esperanza, a partir do processo de formação social e econômica desses migrantes em território estrangeiro, e como as relações que esses migrantes ainda estabelecem com o Brasil, têm definido e redefinido os processos de identificação/diferenciação tanto na relação com os paraguaios como na relação com os brasileiros no Brasil.

A Colônia Nova Esperanza e a formação de uma nova identidade frente ao processo de identificação/diferenciação

⁸ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



A fronteira representa não apenas o desencontro de diferentes visões de mundo⁹, como também, por conseguinte, a coexistência de diferentes espaços-temporalidade. Assim sendo, a mesma pode influenciar na construção da identidade do migrante pelas relações sejam elas econômicas-políticas e sócio-culturais, pois quando o indivíduo migra a sua identidade e o modo como é reconhecido também muda pelo fato de que o mesmo adquire uma “nova” identidade que pode ser territorial, e ser definida como um tipo de identidade que se expressa na relação de pertencimento de um grupo a partir da delimitação de uma escala territorial de referência identitária¹⁰.

Os migrantes brasileiros construíram uma “nova” identidade, sobretudo territorial que não é nem *totalmente* brasileira nem *totalmente* paraguaia, e sim de migrante brasileiro no Paraguai, podendo se constituir, como hipótese inicial, em identidade de “entre-lugares”¹¹. Os migrantes são participantes de uma condição onde, eles não estão mais no mundo que deixaram como também não pertencem ao mundo que chegaram. Dessa maneira, quebra-se aquilo que podemos denominar de binarismos¹², que é o confronto de narrativas históricas de línguas, etnias, cores e relações.

Diante desse choque entre encontros e desencontros o migrante é construído e afirmado como o diferente, pois ele não é nem o colono nem o colonizador ele é o entremeio. Assim, o mesmo assume um desafio de mostrar ao outro uma figura de si mesmo diferente, outra identidade e passar a imagem de que ele não é aquilo que o outro pensava. Pode-se pensar que não é a identidade que produz o sujeito, e sim são os sujeitos que produzem as identidades que vão se adaptando no processo de permeação dos movimentos históricos.

Na formação da Colônia Nova Esperanza, ocorreu um cruzamento da fronteira jurídico-política e as relações cotidianas vividas no Paraguai influenciaram os migrantes brasileiros a ativarem a identidade nacional, de modo a realçar e legitimar uma pretensa superioridade frente à população paraguaia. Então, não se pode afirmar, que é o território que vai “fundar” uma nova identidade, mas é a força política e cultural dos grupos sociais que neles se reproduzem e sua capacidade de produzir que estimularão uma determinada escala de identidade.

Quando o migrante se desloca de um país para o outro, ele não se encontra nem sob uma identidade, nem sob outra, pois ele está no meio de duas identidades, uma antiga, e a outra que pode

⁹ MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

¹⁰ HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. IN: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 169-190.

¹¹ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo horizonte: EdUFMG, 1998.

¹² HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: EdUFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.



ser assumida. Constrói-se, assim, uma relação “entremeios” ou de “entre-lugares” como salientado tanto por HALL (2003), quanto por BHABHA (1998). De alguma maneira, as novas relações definem, através de processos de identificação/diferenciação¹³, situações e condições de “sínteses” sempre inacabadas entre os lugares de origem e de destino.

Nos processos de “identificação/diferenciação” a identidade deve sempre ser pensada como movimento e processo, e não assentada sobre essencialismos ou substantivismos, ou seja, toda identidade se movimenta a partir das relações que sujeitos, grupos, classes ou sociedades estabelecem interior ou exteriormente. Nestas relações, o movimento é sempre *para dentro* – de “id-entificação” – e também, concomitantemente, *para fora* – de “alter-idade”; portanto, o mesmo movimento define/redefine o Nós e os Outros.

Assim, a perspectiva identitária é construída a partir das relações que os migrantes brasileiros que vivem na Colônia Nova Esperanza estabelecem com outros sujeitos que podem ser paraguaios, brasileiros que vivem na colônia ou ainda com os brasileiros que vivem no Brasil. À medida que esses migrantes mantêm contato com o “outro” o mesmo percebe a diferença a partir da afirmação de sua identidade nacional que lhe proporciona tanto a condição de membro de um Estado-Nação político, quanto uma identificação com uma cultura nacional, pois as culturas nacionais a partir do momento em que produzem sentidos sobre a nação, sentidos esses com os quais podemos nos identificar, constroem identidades.

Algumas Considerações finais

Talvez seja importante iniciar estas “considerações finais” pontuando que este trabalho ainda não está finalizado para que se possam apresentar todos os desdobramentos que o processo de migração de brasileiros para a Colônia Nova Esperanza trouxe para o Brasil, mas por meio de alguns relatos dos migrantes que vivem na colônia pode se pontuar algumas características importantes que podem contribuir na compreensão da formação identitária desses migrantes.

Nessa perspectiva a discussão feita aqui mostrou que a identidade desses migrantes é uma identidade em movimento que se formou a partir das relações que este mantém com os paraguaios e com os brasileiros tanto da colônia como os do Brasil, pois a partir do momento em que esse migrante afirma sua nacionalidade colocando em prática características identitárias e culturais de brasileiro ele se diferencia dos paraguaios, devido fato das relações que são estabelecidas

¹³ Enfatizamos “processos de identificação/diferenciação” a partir de HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.



proporcionam aos mesmos vivenciar um conjunto diferenciado de possibilidades, que lhes permite ativarem sua identidade de acordo com as relações que estão sendo realizadas no momento.

Considerando-se, pois, que o referencial de análise aqui adotado ainda não tem tido grande penetração nas áreas em que se têm desenvolvido grande parte das pesquisas acerca da migração de brasileiros para o Paraguai, em especial, na cidade de Yby Yau no Paraguay, esse estudo pode gerar debates interessantes e profícuos e apontar para outras possibilidades de investigação no que se diz respeito às trajetórias migratórias e a construção de uma “nova” identidade, que é consequência do processo de identificação/ diferenciação.

Bibliografia

BÁRBARA, Marcelo Santa. Brasiguai: territórios e jogos de identidade. IN: PÓVOA NETO, Helion & FERREIRA, Ademir Pacelli (Org.). *Cruzando fronteiras disciplinares*. 1 Ed. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 335.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo horizonte: EdUFMG, 1998.

BIOGRAFIAS E VIDAS. *Alfredo Stroessner*. Disponível em: <<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/s/stroessner.htm>>. Acesso em: 20 de junho 2010 às 18h56min.

HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste*. Niterói: EdUFF, 2007.

_____, Rogério. Identidades territoriais. IN: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: EdUFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUCHAUD, Sylvain. *Geografía de la migración brasileña en Paraguay*. 1 Ed. Asunción: UNFPA-ADEPO, 2007.

SPRANDEL, Márcia Anita. Brasileiros de além-fronteira: Paraguai. In: *O fenômeno migratório no terceiro milênio*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 113-138.

WAGNER, Carlos. *Brasiguaios: homens sem pátria*. 1º Ed. Petrópolis: Vozes, 1990.